

RODA DE CONVERSA E CÍRCULO DE CULTURA: INSTRUMENTOS COM POTENCIAL DE MOBILIZAÇÃO E EMANCIPAÇÃO

Ana Elisa Antunes de Oliveira¹

Resumo:

O presente relato apresenta a experiência vivenciada na pesquisa intitulada Projeto Político Pedagógico e a construção da Escola do Campo: desafios e possibilidades na Escola Estadual Lídio Almeida no Distrito de Itapiru, Rubim/MG, desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação do Campo do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A pesquisa teve como trilhas o referencial metodológico da pesquisa qualitativa e no processo de Pesquisa-Ação, um tipo de pesquisa que possibilita uma aproximação com os sujeitos, em que pesquisadores e participantes se envolvem de modo cooperativo e participativo. Para leitura e problematização da realidade foram utilizados, entre outros instrumentos, a Rodas de Conversa e Círculo de Cultura. O objetivo desse relato é apresentar o potencial de mobilização, emancipação humana, política e social desses dois instrumentos, posto que os sujeitos constroem coletivamente, por meio do diálogo, ações capazes de transformar a realidade.

Palavras-chave:

Círculo de Cultura. Roda de Conversa. Relato de Experiência. Escola do Campo.

TALK WHEEL AND CIRCLE OF CULTURE: INSTRUMENTS WITH POTENTIAL FOR MOBILIZATION AND EMANCIPATION

Abstract:

This report presents the experience experienced in the research entitled Political Pedagogical Project and construction of the School of the Field: challenges and possibilities at the Lídio Almeida State School in the District of Itapiru, Rubim/MG, developed in the Professional Master's Degree in Field Education of the Teacher Training Center (CFP), of the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB). The research had as trails the methodological framework of qualitative research and in the Process of Research-Action, a type of research that allows an approximation with the subjects, in which researchers and participants engage cooperatively and participatoryly. To the read and problematize reality, the Wheels of Conversation and Circle of Culture were used, among other instruments. The objective of this report is to present the potential of mobilization, human, political and social emancipation of these two instruments, since the subjects collectively construct, through dialogue, actions capable of transforming reality.

Keywords:

Circle of Culture. Conversation Wheel. Experience Report. Field School

¹ Mestrado em Educação do Campo. Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais. E-mail anaelisaantunes@yahoo.com.br

RUEDA DE HABLA Y CÍRCULO DE LA CULTURA: INSTRUMENTOS CON POTENCIAL DE MOVILIZACIÓN Y EMANCIPACIÓN

Resumen:

Este informe presenta la experiencia vivida en la investigación titulada Proyecto Político Pedagógico y la construcción de la Escola do Campo: desafíos y posibilidades en la Escuela Estatal Lídio Almeida en el Distrito de Itapiru, Rubim / MG, desarrollada en la Maestría Profesional en Educación en el País del Centro de Formación de Profesores (CFP), de la Universidad Federal de Recôncavo da Bahia (UFRB). La investigación tuvo como rastros el marco metodológico de la investigación cualitativa y en el proceso Investigación-Acción, un tipo de investigación que permite una aproximación con los sujetos, en la que investigadores y participantes se involucran de manera cooperativa y participativa. Para leer y cuestionar la realidad, entre otros instrumentos, se utilizaron las Ruedas de la Conversación y el Círculo de Cultura. El objetivo de este informe es presentar el potencial de movilización, emancipación humana, política y social de estos dos instrumentos, ya que los sujetos construyen colectivamente, a través del diálogo, acciones capaces de transformar la realidad.

Palabras clave:

Círculo Cultural. Rueda de chat. Informe de experiencia. Escuela de campo.

Introdução

As motivações para partilhar esse relato de experiência surgem ao identificar durante os caminhos percorridos na pesquisa do mestrado o potencial da Roda de Conversa e do Círculo de Cultura como instrumentos de estratégia política libertadora, que favorece a emancipação humana, política e social dos sujeitos historicamente excluídos. Estes instrumentos estão ancorados na pedagogia crítica de Paulo Freire, com objetivo de viabilizar ações comprometidas com a transformação social, com a necessidade e anseios dos oprimidos e a favor do fim da condição de dominação.

Essa experiência foi realizada na Escola Estadual Lídio Almeida (EELA), localizada no Distrito de Itapiru, município de Rubim/MG no Vale do Jequitinhonha, que em 2018 atendia a 131 estudantes nos segmentos do do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Destes, 75 eram de comunidades rurais e 58 residiam no próprio distrito. Para atendimento deste quantitativo de estudantes, a escola possuía 22 funcionários. Participaram da pesquisa 15 professores, 01 supervisora e a diretora. A pesquisa foi concluída em setembro de 2019 e teve por objetivo contribuir na ressignificação do PPP da EELA, tendo como pilares a incorporação dos saberes e fazeres do campo. O movimento de investigação surge ao identificar que a escola reconhecida como Escola do Campo pelas Diretrizes da Educação do Estado de Minas Gerais mantinha seu Projeto Político Pedagógico sem nenhuma relação com a realidade camponesa dos sujeitos que dela fazem parte.

Ancorou-se metodologicamente na pesquisa qualitativa e no processo de Pesquisa-Ação². Destarte, recorreu à construção de ações coletivas para que a escola pudesse reconhecer e refletir a identidade da Escola do Campo, tendo os princípios da Educação do Campo como eixos norteadores, conforme estabelece o artigo 2º do Decreto 7,352/2010:

Art. 2º São princípios da educação do campo:

I- respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;

II- incentivo à formação de projetos políticos-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;

III- desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo.

IV- valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

V- controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais. (BRASIL, 2010, p. 01).

A organização pedagógica da escola a luz dos princípios da Educação do Campo é “aquela que trabalha desde os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores e trabalhadoras do campo” (Caldart, 2011, p. 65). Portanto, as escolas precisam ser construídas política e pedagogicamente pelos povos do campo incorporando sua história, seus saberes, sua cultura, seu jeito e principalmente suas lutas na construção de outro modelo de campo e de sociedade.

É fundamental apresentar que a Educação do Campo pensa um Projeto Político-Pedagógico que contemple para além dos muros da escola, que possa articular ações que rompam com a prática de educação bancária, que segundo Freire (1987) além de fragmentar o ensino, coloca o professor na condição de quem sabe tudo e os estudantes como meros receptores, esvaziando o processo educativo de sua formação crítica e de transformação social. Portanto, construir um PPP na perspectiva da Educação do Campo pressupõe uma ruptura com modelo vigente de escola, de educação e de sociedade.

² O texto escrito na terceira pessoa representa a construção coletiva da Pesquisa-Ação.

A Educação do Campo tem como princípio pensar a organização político pedagógica da Escola do Campo a partir da participação e envolvimento de educandos, educadores, comunidade, movimentos sociais para que possam construir coletivamente caminhos de fortalecimento e valorização da vida camponesa, ou seja, ancorado nos princípios e concepções pedagógicas próprias da Educação do Campo, como estabelecido no artigo 2º do Decreto 7.352/2010. Organizar a escola política e pedagogicamente à luz dos princípios da Educação do Campo é construir caminhos que “atenda aos interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores e trabalhadoras do campo” (CERIOLI & CALDART, 2009, p. 53). Portanto, as Escolas do Campo precisam ser pensadas política e pedagogicamente pelos povos do campo incorporando sua história, seus saberes, sua cultura, seu jeito e, principalmente, suas lutas na construção de outro modelo de campo e de sociedade.

Diante desse desafio foi necessário construir estratégias para que o coletivo escolar pudesse repensar sua organização Político-Pedagógica e assim construir diálogos e ações que possibilitassem o encontro com esse novo horizonte, ou seja, práticas que colaborem com uma educação para transformação social dos sujeitos envolvidos no e fora do ambiente escolar.

Para o desenvolvimento da pesquisa-ação foi utilizado como instrumentos para leitura e problematização da realidade, observação participante, análise documental, aplicação de questionário, Círculo de Cultura e Roda de Conversa na perspectiva de viabilizar ao grupo elementos para problematizar, refletir e construir coletivamente respostas e ações para pensar o PPP a partir da realidade da comunidade e seus sujeitos, e ao mesmo tempo, contribuir para construção de novos conhecimentos. Nesse relato apresentaremos como se constituiu as Rodas de Conversa e o Círculo de Cultura e como esses dois instrumentos apresentam potencialidade de problematização da realidade e o protagonismo dos sujeitos.

Círculo de Cultura

A escolha pelo Círculo de Cultura constituiu por compreender enquanto experiência coletiva de diálogo, tendo como referencial constituinte a compreensão do pensamento de Paulo Freire e suas muitas possibilidades pedagógicas. O Círculo de Cultura, na perspectiva Freiriana, ancora-se em fundamentos marxistas, que envolvem reflexões em torno do trabalho, da práxis, do diálogo, da totalidade e da transformação social.

Logo, tem como intencionalidade superar a consciência imediata da realidade vivenciada pelos sujeitos e superar determinações materiais existentes nas relações de opressão e expropriação intrínseca ao modo de produção capitalista e seus instrumentos de reprodução simbólico e material.

O Círculo de Cultura como proposto por Paulo Freire é espaço onde o diálogo conduz o processo de ensinar e aprender, não tendo assim espaço para repasse de conhecimento e, sim, construção coletiva do saber. Logo, o Círculo de Cultura rompe com a lógica tradicional de produção do conhecimento trazendo elementos de superação:

[..] em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado. (FREIRE, 1967, p. 109).

Os elementos constitutivos do Círculo de Cultura possuem características estratégicas de ação política libertadora que favorecem a emancipação humana, permitindo aos sujeitos expressarem suas impressões, conceitos e opiniões. Fundamenta-se em defesa da liberdade, no movimento reflexivo que permite ao participante descobrir-se como construtor de sua própria história. O Círculo de Cultura representa a imersão dos sujeitos em ações coletivas de conhecer e transformar a realidade.

Os Círculos de Cultura se constituem de encontros dialógicos e interativos, possibilitando aos sujeitos a ressignificação de saberes e sentidos sobre suas experiências, tornando-se atores históricos, críticos e reflexivos. Através do Círculo de Cultura a figura do “mestre”, do “palestrante” é desconstruída emergindo uma nova atitude, um novo paradigma no educador: o diálogo.

Nos Círculos de Cultura o coordenador dos debates precisa ser cuidadoso para não monopolizar a fala e sim propiciar condições favoráveis para a dinamicidade do grupo, “reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo” (FREIRE, 1987), ou seja, o coordenador pedagógico orienta a equipe tendo como estratégia de incentivo o diálogo, valor ético deste método de trabalho.

O Círculo de Cultura se constitui como uma ação ética política em relação à produção do conhecimento e a transformação social, efetivando-se a partir das negociações do grupo. Os círculos representam mais do que a organização circular, possibilitam uma construção do pensar num movimento de reflexão-ação onde os sujeitos se reconhecem como construtores do seu destino. Sabemos que esse diálogo aberto e igualitário não se constitui em negociações tranquilas, visto que, este espaço, está permeado por relações de poderes e questionamentos, além, das subjetividades de vivências dos sujeitos, conduzindo seu modo de ser, estar e pensar. É essa condição de liberdade e autonomia que possibilita a produção do conhecimento coletivo e contextualizado. É partindo dessa compreensão que consideramos o Círculo de Cultura um instrumento capaz de nos apresentar trilhas para que a EELA pudesse ressignificar seu Projeto Político Pedagógico na perspectiva da Educação do Campo.

Os dados encontrados na análise documental do PPP e as respostas apresentadas no questionário foram o pontapé inicial para a pesquisa-ação e a base para realização do Círculo de Cultura. Naqueles dados, a única menção ao campo era quanto à origem dos estudantes. No questionário utilizado foi possível identificar o perfil docente, a compreensão do grupo sobre Educação do Campo, Escola do Campo e PPP. Havia ali um antagonismo entre o que propunha o PPP e as respostas dos docentes, bem como ausência do reconhecimento enquanto Escola do Campo fazendo referência meramente pelo residir no campo dos seus estudantes. Esses achados serviram de base para construção do Círculo de Cultura em que foram apresentados e discutidos com o coletivo os dados encontrados de modo que pudessem consolidar suas percepções sobre a realidade escolar.

Apresentou-se como instrumento com grande potencial dialógico e participativo capaz de viabilizar as discussões com o coletivo da EELA para que juntos pudessem pensar em caminhos possíveis para ressignificar o PPP e assim construirmos, coletivamente, a identidade de Escola do Campo. Foi realizado no espaço escolar, com mesas em círculo, forradas com tecido de chita, cópias do PPP da escola e livros com temáticas e discussões da Educação do Campo. Contou com a participação de cinco professoras, três professores, a supervisora e secretaria, também professora na escola.

Como proposto por Freire (1967), o Círculo de Cultura se constituiu como espaço onde o diálogo foi o condutor de todo o processo, rompendo com a ideia de encontros para repasse de conhecimento e sim de construção coletiva do saber, rompendo assim com a lógica tradicional de produção do conhecimento.

Essa mudança de paradigma que o Círculo de Cultura oferece possibilitou a construção estratégica de ação política libertadora, favoreceu para que o grupo pudesse participar ativamente, expressando suas impressões, conceitos e opiniões. Permitiu que todos os sujeitos imergissem no diálogo, num movimento de reflexão-ação na tentativa e no desejo de interpretar e transformar a realidade escolar, tornando-se assim atores históricos, reflexivos e atuantes, construtores do caminhar da EELA nessa construção de Educação do Campo.

Segundo Freire (1967) na condução do processo, as discussões foram conduzidas de modo a não monopolizar as falas e sim propiciar condições favoráveis para a dinamicidade do grupo, tendo como estratégia de incentivo o diálogo, valor ético deste método de trabalho, na perspectiva de contribuir para que o grupo se assumisse e se percebesse como detentor de sua história, de sua cultura, do seu destino.

Esse movimento da pesquisa-ação mediado pelo Círculo de Cultura teve como fundamentos a transformação da realidade, dessa maneira, enquanto parte integrante do quadro docente e militante da Educação do Campo foi uma oportunidade de contribuir e fortalecer as lutas camponesas por outro modelo de campo, de escola e de sociedade. Neste sentido, não foi possível desvencilhar todas as marcas trazidas da trajetória enquanto educadora, militante e pesquisadora, afinal, é preciso assumir o papel, enquanto, sujeitos que fazem e refazem o mundo.

As discussões realizadas no Círculo de Cultura surgem a partir das discordâncias nos achados na análise do PPP, nas respostas disponibilizadas no questionário bem como dos diálogos informais tecidos com o grupo. Verificou-se que não havia um consenso no que se refere à concepção de Educação do Campo, Escola do Campo e de que maneira o Projeto Político-Pedagógico está alinhado aos princípios da Educação do Campo. Os dados foram compartilhados com o coletivo no Círculo de Cultura para juntos construir concepções alinhadas e assim trilhar caminhos de superação. As discussões do Círculo de Cultura foram construídas a partir de três provocações: *Onde estamos?* Ou seja, como está o PPP da EELA? *A EELA é uma Escola do Campo?* *Para onde queremos ir?* É nosso desejo tornar a EELA uma Escola do Campo? *O que faremos para que a EELA se torne uma Escola do Campo?* Foram esses questionamentos que apresentaram as trilhas para que o grupo pudesse refletir sobre a realidade escolar e apresentar horizontes para a construção da Escola do Campo.

O movimento do grupo no Círculo de Cultura teve o diálogo como elemento provocativo em que ao olhar para a realidade, para os problemas buscou refletir e assim construir caminhos de superação.

Essa trilha pode ser entendida por meio das palavras de Martins (2002, p. 23): “os problemas sociais não poderão ser resolvidos se não forem desvendados inteiramente por quem se inquieta com sua ocorrência e atua no sentido de superá-los”. Nesse processo, o diálogo assumiu chamamento a favor da valorização do falar e do ouvir e, ainda, como provocador da ação pelas palavras que coletivamente tornaram-se palavra-ação, atividade humana capaz de transformar a realidade.

Foi possível experienciar na realização do Círculo de Cultura que ao indagar-se o sujeito desperta nele potencialidades e estimula sua capacidade de decidir, de optar, de escolher (FREIRE, 1981) e, ao praticar sua liberdade de escolha não muda apenas o desejado, mas sua posição diante do mundo, tornando-se protagonista da ação. O Círculo de Cultura como espaço educativo viabilizou a transição de diferentes modos de pensar, de se expressar, tendo o diálogo como elemento que potencializa a reflexão e a construção de ações coletivas de transformação.

É importante salientar conforme destaca Brandão (2010, p. 69) que no Círculo de Cultura “o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a dizer a sua palavra”, em que o respeito pelos sujeitos, a conquista da autonomia e a dialogicidade são princípios fundantes. É tendo essa compreensão e, nessa perspectiva, que conduziremos esse momento.

O Círculo de Cultura como instrumento tem potencial de problematizar a realidade e construir coletivamente ações de libertação cumpre seu propósito onde o grupo entende que seria preciso avançar na compreensão da concepção de Educação do Campo e Escola do Campo e apresenta a visita a uma Escola do Campo como ação capaz de materializar os conhecimentos sobre a Educação do Campo e assim ampliar as possibilidades de ressignificar o PPP a luz dos interesses do povo camponês. Os desafios vivenciados pela EELA serviram de bússola para se pensar os passos da pesquisa, no qual o Círculo de Cultura se apresentou como instrumento de grande potencial para viabilizar os diálogos e articular ações capazes de ampliar a compreensão do grupo acerca da concepção de Educação do Campo para que assim ressignificasse suas práticas pedagógicas.

Das discussões e ponderações realizadas no Círculo de Cultura, aquele coletivo, apontou e sugeriu a visita a uma Escola Família Agrícola como um caminho possível nesta construção. A partir desse direcionamento foi organizada visita à Escola Família Agrícola (EFA) Bontempo, localizada no município de Itaobim/MG com objetivo de compreender a organização pedagógica e a gestão da Escola do Campo.

Roda de Conversa

A Roda de Conversa foi o instrumento utilizado para mediar os diálogos que ocorreram na EFA Bontempo. De acordo com Mélló et al. (2007), as Rodas de Conversa priorizam discussões em torno de uma temática e, por meio do diálogo, os participantes apresentam suas elaborações, estimulando outras pessoas a falarem, criando um espaço de pensar compartilhado. Possibilita ainda a ressignificação de saberes e sentidos sobre suas experiências, tornando-os atores históricos, críticos e reflexivos.

As Rodas de Conversa se constituem de encontros dialógicos e interativos, possibilitando aos sujeitos a ressignificação de saberes e sentidos sobre suas experiências. Por meio da Roda de Conversa, a figura do palestrante é destruída emergindo como centro do processo a fala de todos os participantes como signo de valores, cultura e práticas de suas experiências. Neste sentido, a fala deve ser compreendida vinculada aos modos de vida dos sujeitos.

O espaço das Rodas de Conversa se constitui de ação para além da disposição circular dos participantes e os benefícios para o trabalho coletivo. Se constituem como movimento de construção de uma postura ético-política em relação à produção do conhecimento e a transformação social, efetiva-se a partir do diálogo e das negociações entre os sujeitos. A Roda de Conversa potencializa o pensar, a reflexão, os participantes se percebem protagonistas no movimento de falar/ouvir/refletir/agir, ou seja, se tornam condutores de sua ação de “ser mais”. O movimento na Roda de Conversa se efetiva a partir das negociações do coletivo onde o diálogo aberto e igualitário não se constitui em negociações tranquilas, visto que, este espaço, esta perpassado por relações de poderes e questionamentos, além, das subjetividades de vivências dos sujeitos, conduzindo seu modo de ser, estar e pensar. É essa condição de liberdade e autonomia que possibilita a produção do conhecimento coletivo e contextualizado. Foi partindo dessa compreensão que consideramos a Roda de Conversa um instrumento capaz de nos apresentar caminhos para que a EELA pudesse ressignificar seu Projeto-Político Pedagógico na perspectiva da Educação do Campo.

As Rodas de Conversa foram realizadas na EFA Bontempo, contou com a participação de docentes e estudantes da EFA, da EELA e da Escola Municipal Justino Alves³.

³ Foi incorporada nesta atividade a Escola Municipal Justino Alves, localizada também no distrito de Itapiru/Rubim mediante seu reconhecimento pelas Diretrizes Estaduais como Escola do Campo e estava/está também nesta caminhada para se constituir como tal.

Para realização da atividade foi necessário articular parcerias com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itaobim, com a Secretaria Municipal de Educação do Município de Rubim e com a EFA Bontempo. A visita teve como objetivos conhecer e refletir sobre os objetivos e as práticas pedagógicas da Escola do Campo, compreender a organização pedagógica da Escola do Campo a partir da Formação em Alternância⁴ buscando entender como se institui a relação escola comunidade na gestão democrática da Escola do Campo, bem como compreender como se constitui o Projeto Político-Pedagógico e o currículo da Escola do Campo.

Iniciamos nosso primeiro contato por meio de uma Roda de Conversa com os estudantes, tendo como objetivo conhecer a EFA a partir da perspectiva dos estudantes. De acordo com o diretor, a EFA possui estudantes de 21 municípios circunvizinhos, contemplando mais de 100 comunidades. Sua base pedagógica é a Pedagogia da Alternância, sendo o quantitativo de estudantes divididos em dois períodos entre a escola e as comunidades onde residem, estando presentes naquele momento 50% dos estudantes.

Para iniciar nossos diálogos foi feita uma breve apresentação dos participantes, depois foram realizadas as primeiras observações, pois já apareceram elementos que chamaram atenção do grupo, como por exemplo, referenciar a EFA como “Escola Família”, sinalizando o tipo de organização pedagógica instituída na escola. Os sujeitos embora longe de casa, dos familiares têm a escola como espaço de afetividade, companheirismo e responsabilidades, ou seja, a escola propicia a valorização das experiências cotidianas dos estudantes e de seus familiares, bem como da cultura e modo de vida inerente à organização da vida no campo.

Para prosseguir e mediar o diálogo com os estudantes foram feitas, paulatinamente, algumas provocações: *por serem oriundos da escola regular, ao chegar na EFA qual diferença vocês perceberam? Qual avaliação fazem da pedagogia adotada? Vocês recomendariam a EFA para alguém? Se recomendam, por qual motivo? O que tem de bom aqui que vocês gostariam que outras pessoas pudessem vir para cá?* De acordo com os relatos dos estudantes, a EFA ressignifica os saberes dos camponeses proporcionando aos jovens construir perspectivas de permanência no campo.

⁴ A formação em Alternância contempla a formação integral do educando intercalando períodos de aprendizagem no ambiente escolar (tempo-escola) e outro em que o estudante desenvolve pesquisas, projetos, atividades individuais e coletivas com o auxílio do planejamento e acompanhamento pedagógico dos professores e da família (tempo-comunidade).

Foi possível perceber ainda nos relatos dos estudantes a valorização dos saberes construídos socialmente na vivência coletiva. O jovem aprende com as situações vivenciadas diariamente com o grupo, tendo que abdicar das suas individualidades para priorizar ações coletivas, como relata o estudante ao referenciar o trabalho coletivo na EFA como elemento significativo para transformar e ressignificar suas ações na comunidade e na própria dinâmica do trabalho familiar. Estas ações diárias realizadas pelos estudantes estão articuladas a valores humanizantes, como solidariedade, democracia, transformação social e não com a simples aplicação, na prática, das aulas teóricas, como acontece nas escolas tradicionais. É possível perceber que a prática pedagógica da EFA ancora-se na perspectiva de educação humana e emancipatória, articulada ao trabalho, a cultura, a vida e aos saberes dos camponeses, utilizando de instrumentos que possibilitem ao jovem exercitarem ações relativas à vida associativa e comunitária, com objetivo de atuar sobre os interesses do homem do campo.

Na Roda de Conversa, por meio dos depoimentos dos estudantes, foi possível identificar os resultados que a prática pedagógica da Escola do Campo, vinculada organicamente à dinâmica social do campo e dos camponeses, oportuniza. Ouvir dos estudantes a satisfação de estudar em uma escola em que as práticas pedagógicas respeitam e valorizam os seus saberes, ou seja, uma educação *com e para* o povo do campo, que visa a emancipação de homens e mulheres do campo para que apossados dos conhecimentos construídos historicamente compreendam as contradições sociais para sobre ela atuar, sendo donos dos seus próprios destinos e não apenas reprodutores do que está posto socialmente.

A segunda Roda de Conversa contou com a participação dos docentes e gestor da EFA para dialogar sobre as práticas pedagógicas, gestão, e Projeto Político-Pedagógico. Foi apresentado como se constituem as atividades práticas e os conhecimentos construídos, desde produção de insumos orgânicos, técnicas de plantio e cuidados diários, de como trabalhar com a terra, com as plantas, com os animais e a conviver e interagir com a realidade da vida na roça, associando à prática educativa a sua realidade. O objetivo? Possibilitar o aperfeiçoamento dos saberes, sua incorporação na comunidade, estimulando a conscientização política e valorização enquanto camponês, sem, necessariamente, estreitar os vínculos com a cidade. Inicialmente, foi apresentado o significado da organização do espaço, tendo as bandeiras dos movimentos sociais como elementos representativos, associadas à sua força política que mantém em pauta a luta por uma Educação *no/do* Campo frente ao poder público.



Figura 1: Roda de Conversa/ EFA Bontempo
Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Essa Roda de Conversa com os docentes e o gestor foi um momento de detalhamento de como são construídos, organizados e utilizados os instrumentos pedagógicos da EFA e como poderiam ser adaptados à realidade da EELA para que se fortalecesse, tivesse segurança para ressignificar seu PPP e constituir-se enquanto escola de direito para os estudantes camponeses.

Nesse diálogo, propiciado pela Roda de Conversa, o coletivo teve a oportunidade de conhecer os instrumentos pedagógicos que dinamizam o processo de ensino-aprendizagem tanto no espaço escolar quanto no espaço da comunidade, possibilitando uma dinâmica de interação entre escola/família/comunidade, posto que a construção do conhecimento se constitui por meio da pesquisa e das *práxis* vivenciadas nesses espaços, objetivando a formação integral dos sujeitos. A garantia desses elementos se constitui por meio da parceria com as famílias e os movimentos sociais.

Considerações finais

É fundamental salientar que as trilhas da pesquisa-ação se constituíram respeitando o tempo dos sujeitos, da organização pedagógica da escola e, principalmente, consciente de que não é simples romper com as ideologias dominantes da sociedade capitalista, tendo em vista que a escola é organizada para garantir as funções da educação para a reprodução do capital, produzindo e qualificando a classe trabalhadora para atender suas necessidades e funcionalidades. Portanto, é preciso considerar esse desafio, compreender que o coletivo docente que constitui a escola também é fruto dessa mesma educação que leva a destruição do

trabalhador e retira dele o direito e força para lutar pela construção de outro projeto de escola e de sociedade.

Diante dessa compreensão tanto o Círculo de Cultura como as Rodas de Conversa apresentaram-se como instrumentos de estratégia político-libertadora, que favorece a emancipação humana, política e social. Foi possível evidenciar esse potencial tanto no momento da realização em virtude dos sujeitos protagonistas no processo de ação/reflexão/ação como na ressignificação do Projeto Político Pedagógico da EELA. Aqui, o coletivo se afirma e assume a identidade como Escola do Campo, bem como o compromisso de construir coletivamente esse novo caminhar. Reconhece a necessidade de se construir uma escola em que os sujeitos camponeses tenham sua cultura, sua identidade valorizada e respeitada. Percebem a necessidade de construção da escola respaldando a vida social dos sujeitos que necessita ser estudada, interpretada, que deva incidir na realidade para viabilizar a construção de conhecimentos significativos às suas necessidades concretas.

Por meio do Círculo de Cultura e das Rodas de Conversa, o coletivo avança e apresenta consciência da necessidade de mudança de paradigmas, pois sua finalidade é a superação do conhecimento bancário que não contribui na construção da educação que emancipa. Trouxeram a importância do protagonismo dos estudantes na construção do conhecimento e da escola como espaço democrático, tendo a realidade social como objeto de estudo, interpretação e passível de mudanças.

Os caminhos trilhados no Círculo de Cultura e nas Rodas de Conversa foram conduzidos pelo coletivo no movimento de encontrar horizontes para se pensar a construção da EELA enquanto Escola do Campo e seu Projeto Político Pedagógico alicerçado nos princípios fundantes da Educação do Campo. Mesmo estando a EELA inserida nos moldes regulares e necessitar ampliar a compreensão desta concepção pedagógica, é perceptível na realização da pesquisa o avanço em direção a esse novo horizonte.

Acreditamos que as trilhas percorridas foram fundamentais na construção de terreno fértil para que o grupo pudesse se debruçar na ressignificação do projeto político-pedagógico, tendo novas formas de olhar para esta realidade em vista das especificidades dos povos do campo. Tais especificidades, precisam ser reconhecidas e respeitadas.

A realização do Círculo de Cultura e das Rodas de Conversa apontou ainda a relevância de um trabalho construído coletivamente em que os sujeitos são os protagonistas da construção de práticas colaborativas, emancipatórias tendo como objetivos a transformação da realidade.

Esse movimento trilhado coletivamente trouxe como legado a esperança de que mesmo a Escola do Campo, instituída nos moldes regulares, é possível a construção de práticas pedagógicas emancipatórias margeadoras/centralizadoras dos anseios e necessidades dos sujeitos do campo, possibilitadas por cenários/narrativas determinantes na construção de um Projeto Político-Pedagógico que se constitua como estratégia de luta grávida de boas práticas educativas.

Referências

BRANDÃO, Carlos, Rodrigues. **Círculo de Cultura**. In: STRECK, R, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, J, Jaime (orgs). Dicionário Paulo Freire. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. P. 69-70.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Decreto nº 7.352, de 04 de novembro de 2010: **Dispõe sobre a Política de Educação do Campo e Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária** – In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI. Educação do Campo: marcos normativos. Brasília-DF: MEC/SECADI, 2012.

CALDART, Roseli Salette. A escola do campo em movimento. In: Por uma educação do campo. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

Fernandes, B. M., Cerioli, P. R.; Caldart, R. S. (2009). Primeira Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo. In Arroyo, M. G. Caldart, R. S., & M. C. Molina, (Orgs.). **Por uma educação do campo** (pp.20-63). Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Exemplar, 1405. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**. Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 2. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

MÉLLO, R. P. et al. **Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa**. Psicologia e Sociedade, v.19, 2007.

OLIVEIRA, Ana Elisa A. de. **Projeto Político-Pedagógico e a construção da Escola do Campo: desafios e possibilidades na Escola Estadual Lídio Almeida no distrito de Itapiru, Rubim/MG. 2019**. 144f. Dissertação – UFRB, Amargosa, BA.